

XI Reunião de Antropologia do Mercosul
30 de novembro a 04 de dezembro de 2015, Montevideu, Uruguai
GT 11: Memórias e Patrimonializações: análises dos bens culturais africanos e
afro-descendentes na América Latina

Maracatus Nação em Processo de Patrimonialização: Identidades em Disputa

Anna Beatriz Zanine Koslinski

Universidad Autónoma Metropolitana – Unidad Iztapalapa

INTRODUÇÃO

Após anos de invisibilização e previsões de intelectuais de que estariam fadados ao desaparecimento, os maracatus nação enfrentaram adversidades mantendo-se ativos até os dias de hoje. Atualmente, Pernambuco conta com pelo menos 27 nações de maracatu, além de um grande número de grupos culturais compostos por jovens de classe média, brancos em sua maioria que reproduzem o ritmo e a dança dos maracatus, num formato de grupo parafolclórico. O surgimento desses grupos, também conhecidos por grupos percussivos, se insere num contexto de valorização da referida forma de expressão, bem como o processo de patrimonialização dos maracatus nação que se iniciou em 2011 por meio de um Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) e que se encerrou em dezembro de 2014, quando o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) concedeu-lhe o título de Patrimônio Imaterial. Nesse contexto de valorização, muito favorecido também pelo mercado cultural, surgem disputas identitárias e questões éticas relativas à apropriação que brancos realizam sobre a cultura negra. O processo de inventário revelou-se como cenário para essa disputa, já que grupos percussivos reivindicavam para si a identidade de maracatu-nação e o direito de serem favorecidos pelo título de patrimônio e políticas de salvaguarda. A partir do exposto, o presente trabalho pretende analisar as disputas identitárias existentes entre os maracatus nação e os grupos percussivos utilizando o processo do inventário dos maracatus como pano de fundo para a questão, considerando também as dicotomias entre as noções de local, nacional e global dentro dessa disputa.

MARACATUS-NAÇÃO E O RISCO AO DESAPARECIMENTO

Para que seja possível a compreensão abrangente da problemática, é preciso apresentar o contexto no qual se inserem os maracatus nação.

Maracatu-nação ou “de baque virado” é uma forma de expressão da cultura popular e negra brasileira com forte presença no estado de Pernambuco.

Encontrar uma descrição exata do que é o maracatu-nação é uma tarefa difícil, tamanha a complexidade que o envolve. Em linhas bem gerais pode-se descrevê-lo como uma manifestação cultural performática, inserida nos festejos carnavalescos, na qual um cortejo real, composto por rei, rainha, príncipes, princesas, figuras da nobreza, vassallos, baianas, dentre outras personagens, de forma processual desfilam pelas ruas da cidade de Recife e região metropolitana. Este grupo executa uma dança específica e é acompanhado por uma orquestra percussiva, composta por instrumentos como alfaias (tambores), caixas e taróis, gonguê, mineiro ou ganzá e por vezes, agbês e atabaques. As nações de maracatu estão organizadas como agremiações carnavalescas, localizadas em sua grande maioria em comunidades de periferia (favelas) da cidade do Recife e região metropolitana e é desta inserção comunitária que conseguem agregar seus membros, bem como das relações que possuem com as religiões consideradas de matriz africana. De acordo com os maracatuzeiros, só são “autênticos” os maracatus-nação que possuem vínculo de caráter religioso com os terreiros de xangô (nome da religião de culto aos orixás em Pernambuco) ou jurema (religião que cultua mestres, caboclos, exus e pomba-giras). Esta relação é pautada pelas obrigações aos orixás ou mestres/ mestras da jurema para conferirem proteção ao grupo durante o carnaval, bem como através das calungas, entidades religiosas que são representadas pelas bonecas de madeira, geralmente negras, ricamente vestidas, carregadas pelas damas do paço, que abrem juntamente com o porta-estandarte o desfile da nação. (MOTTA 1997; KOSLINSKI 2012)

Como já foi apontado na introdução deste trabalho, a visibilidade e interesse despertado pelos maracatus-nação é algo muito recente. O desprestígio que os maracatus-nação enfrentavam no passado contribuiu inclusive para que exista pouca documentação e estudos acerca de como eles se organizavam. O que se sabe, principalmente devido a registros em jornais, é que a visão que a sociedade recifense tinha dos maracatus era bastante negativa, e que por conta de denúncias acerca do incomodo que eles causavam, os maracatus eram alvo de perseguições policiais (LIMA; 2008). Isso condiz com a mentalidade da elite da época no Brasil como um todo, que via a cultura negra como um empecilho ao

processo civilizatório almejado pelo país, amparado nas teorias racistas tão em voga no período¹.

As dificuldades enfrentadas pelos maracatus nação nas primeiras décadas do século passado fizeram com que a quantidade de grupos diminuísse muito, tendo como ápice os anos 60, onde segundo Katarina Real (1990), não mais que cinco grupos desfilavam, sendo que dois deixaram de existir no período de sua pesquisa (1961-1965) (GUILLEN & LIMA, 2007). Assim como nos dias de hoje, o carnaval era o período onde os maracatus se encontravam em maior atividade, porém o público que os prestigiava era composto principalmente por pessoas provenientes das comunidades maracatuzeiras e seus entornos. Além disso, é importante ressaltar que até os anos 90's os maracatus não chamavam mais atenção que outras atrações como os frevos e as escolas de samba, historicamente mais populares (LIMA, 2010). Deste modo, a articulação dos maracatuzeiros em um momento desfavorável mostra a luta deles em obter melhores condições e espaços no mercado cultural que se formava, independente do contexto em que se encontravam. Entretanto, se nesse passado não muito distante tais manifestações poderiam ser referidas como tradicionais representantes de uma cultura “afrodescendente” e folclórica, na contemporaneidade os maracatus estão imersos em um complexo contexto envolvendo sua espetacularização e inserção num mercado cultural disputadíssimo.

GRUPOS PERCUSSIVOS: MARACATU FEITO POR BRANCOS

Apesar das múltiplas razões que possam ter contribuído para o aumento da visibilidade dos maracatus, é possível afirmar que ela está intrinsecamente ligada à relação que a forma de expressão passou a ter com a classe média. Primeiramente é preciso mencionar o surgimento do Maracatu Nação Pernambuco, em 1989 (GUILLEN & LIMA, 2007). Tal grupo foi formado por jovens de classe média, alguns deles participantes de balés populares, que realizaram uma releitura de alguns aspectos dos maracatus nação, estilizando baque, dança

¹ Para maiores informações acerca do pensamento social brasileiro e do racismo científico ver: Schwarcz (2003) e Ortiz (1998).

e figurinos, construindo a partir dessa linguagem um espetáculo de palco e um cortejo num tipo de performance mais “palatável” para públicos não familiarizados com a cultura dos maracatus tradicionais. Apesar de seu nome conter o termo “maracatu-nação”, o referido grupo não é reconhecido como sendo uma nação de maracatu pelos maracatuzeiros dos grupos tradicionais. Na verdade, existe uma série de aspectos que os diferenciam; além de diferenças na parte musical e na dança e formato da performance, o grupo de classe média reunia, e ainda reúne, jovens, brancos em sua maioria, provenientes de distintos bairros da região para ensaiar em alguma região central da cidade, diferente das nações tradicionais onde os ensaios se realizam na comunidade onde residem os maracatuzeiros. Deste modo, salienta-se que esses grupos não possuem vínculos comunitários, ou seja, seus encontros tem como principal sentido o entretenimento (GUILLEN & LIMA, 2007). Já nos maracatus-nação, a prática compreende relações de ancestralidade e também vizinhança; além do vínculo existente por conta do maracatu, os maracatuzeiros de uma mesma comunidade também costumam frequentar os mesmos terreiros, estabelecimentos comerciais e espaços de lazer. Por fim, é importante destacar que os grupos percussivos não possuem os vínculos religiosos, esses fundamentais para caracterizar uma nação de maracatu.

O Maracatu Nação Pernambuco logo obteve reconhecimento do mercado cultural, realizando apresentações pelo Brasil, no exterior e gravando um álbum de estúdio. Depois do surgimento desse grupo cultural, outros grupos nos mesmos moldes apareceram primeiramente em Recife e Olinda, e logo mais em outras cidades do Brasil e do mundo (América do Norte, Europa e Ásia), sendo que a maioria dos grupos fora de Pernambuco surgiu já no século XXI. Outro marco importante que sem dúvida contribuiu para a divulgação e valorização da linguagem do maracatu foi o surgimento da banda pernambucana Chico Science e Nação Zumbi, que misturava o ritmo do rock a elementos das culturas populares pernambucanas como maracatu-nação e de orquestra, caboclinho, ciranda, cavalo marinho dentre outros. A banda se tornou famosa por todo o Brasil e passou não só a divulgar, como também a ser associada ao ritmo do maracatu (IDEM).

A quantidade de grupos percussivos de que se tem registro já ultrapassou muito a quantidade de maracatus nação. De acordo com o *site* “maracatu.org”², existem pelo menos 27 grupos no exterior, sendo a grande maioria da Europa (Alemanha, França, Inglaterra, Irlanda, Espanha e Holanda), 28 em outros estados do Brasil, sendo a imensa maioria do sul e sudeste, e 10 grupos em Pernambuco³.

Dentre as atividades realizadas pelos grupos estão oficinas da percussão e/ou dança dos maracatus nação, geralmente organizadas e ministradas pelas lideranças, sendo as mesmas pagas, apresentações em festas e eventos com ou sem cachês, realização de arrastões ou cortejos pelas ruas da cidade que os sedia e por fim realização de oficinas sazonais com os mestres ou por vezes batuqueiros de algumas nações de maracatu de Pernambuco que são trazidos para as cidades onde se localizam estes grupos. Salienta-se também que alguns jovens viajam até Pernambuco no carnaval e participam das atividades de algumas nações (KOSLINSKI, 2013).

MARACATUS-NAÇÃO, SÍMBOLO DO CARNAVAL DO RECIFE

Enquanto o ritmo dos maracatus passa a ser apropriado e conhecido por outros grupos sociais principalmente nos anos 90, as nações tradicionais só passariam a ter mais visibilidade no início do século XXI.

O interesse que as formas de expressão dos maracatus despertaram no fim do século XX não é algo particular a essa manifestação. Em outras partes do mundo observa-se um crescente interesse pelas culturas populares que geralmente são apropriadas por grupos sociais alheios e espetacularizadas⁴

² O portal tem o objetivo de “organizar e disponibilizar conteúdo multimídia sobre a cultura do maracatu numa iniciativa para contribuir com a organização em rede das nações e grupos de maracatu e cultivar a cultura digital entre o saber tradicional”. O site também tem a intenção de hospedar os sites individuais de cada nação ou grupo percussivo.

³ Adverte-se que os dados referentes aos grupos de Pernambuco não condizem com a realidade, pois basta caminhar pelos centros de Recife e Olinda nos fins de semana para perceber que a quantidade dos grupos ultrapassa o número de 10; a falta de dados relativos a esses grupos especificamente, revela que o diálogo e envolvimento entre os grupos de Pernambuco e fora dele é menor.

⁴ José Jorge de Carvalho (2010) define espetacularização como: “a operação típica da sociedade de massas em que um evento, em geral de caráter ritual ou artístico, criado para atender a uma necessidade expressiva específica de um grupo e preservado e transmitido através de um circuito

(GARCÍA CANCLINI,1983; CARVALHO, 2010; DESCHÊNES, 2005). Muitos autores atribuem tal fenômeno à globalização. Alguns deles ressaltam que a globalização, ao encurtar ou mesmo anular, distâncias temporais e espaciais, teria facilitado o acesso que uma cultura possui ao repertório de outra, favorecendo maiores intercâmbios e hibridismos (GARCÍA CANCLINI, 1998). Outros reforçam a ideia de que na tentativa de impor valores e estilos de vida homogeneizantes, a globalização teria favorecido um movimento de reivindicações por reconhecimento de identidades por parte de minorias ou grupos excluídos (BAUMAN, 2009) ou mesmo favorecido uma atração pelo exótico (CARVALHO, 2004). Um exemplo interessante pode ser encontrado nos estudos de Bruno Deschênes, que em seu artigo intitulado *“The interest of Westerns in Non Western Music”* (2005) percebe como principal motivação dos músicos que se interessam em aprender ritmos de outras culturas, uma busca não só pelo exótico, como também pelo espiritual. Além disso o autor enfatiza a importância da dimensão identitária que permeia as apropriações quando afirma que:

“By being so hegemonic, and imposing itself everywhere, western culture is being diluted and thus loose its own sense of identity and place, a sense that many will find outside of its own boundaries”⁵ (Deschênes,2005, p. 9.)

Independente do grau de influência que tal contexto possa ter exercido nos maracatus-nação, não se pode negar que ele condiz com o interesse da classe média na manifestação e mesmo com a opção que a prefeitura do Recife fez ao eleger os maracatus como um dos principais símbolos para o seu carnaval, que passou por uma reestruturação no ano de 2002. Tal modelo de carnaval teve como um dos objetivos criar uma identidade própria ao carnaval da cidade, que até então era considerado como sendo uma mescla dos modelos de carnaval do Rio de Janeiro com Salvador (KOSLINSKI, 2012). Dentro dessa busca identitária o maracatu-nação foi eleito como manifestação protagonista do grandioso evento de abertura. O militante negro Lindivaldo Leite Júnior, conhecido como Junior Afro,

próprio é transformado em espetáculo para consumo de outro grupo, desvinculado da comunidade de origem.”

⁵ “Por ser tão hegemônica e impor-se por todos os lugares, a cultura ocidental está sendo diluída e assim perde seu próprio senso de identidade e lugar, um senso que muitos irão encontrar fora de suas próprias fronteiras”. (tradução minha)

que participou da comissão responsável pela reestruturação da festa, disse que a escolha da manifestação foi realizada já que o ritmo conquistava cada vez mais admiradores. Entretanto, como militante em prol da cultura negra, lhe incomodava o fato de que os maracatus tradicionais não usufríssem desse sucesso, por isso sua equipe decidiu que o carnaval deveria servir para gerar visibilidade para os grupos tradicionais, que até então se encontravam marginalizados. Segundo Junior Afro, tal decisão gerou revolta entre alguns grupos percussivos, que se sentiram preteridos, entretanto, o comitê em questão se posicionava contra a mentalidade dominante que dizia que os maracatus nação só estavam sobrevivendo por conta do “resgate” realizado pelos grupos percussivos (KOSLINSKI, 2013). Tal situação foi uma das primeiras vezes onde publicamente ocorreu um conflito identitário entre os dois tipos de manifestação.

A partir do exposto, é interessante refletir que a apropriação que a classe média realizou das formas de expressão dos maracatus nação ao longo dos anos 90 não agradou a todas as pessoas que compunham os maracatus tradicionais. Ao contrário, o contexto gerou preocupação por parte de alguns setores da sociedade, como militantes do movimento negro, e foi necessária uma intervenção do poder público para que os grupos tradicionais usufríssem de parte do sucesso conquistado pela forma de expressão. Tal intervenção possibilitou que os maracatus nação pudessem ser conhecidos e apreciados não só pelos jovens que tomavam ou tomariam futuramente parte dos grupos percussivos e próprias nações de maracatu, como também pelos turistas que invadem Recife no período carnavalesco. De acordo com o site oficial do evento⁶, desde sua criação, o Carnaval Multicultural da Cidade do Recife tem gerado cada vez mais renda para a cidade, contribuindo para a movimentação da economia de diversos setores. Infelizmente, apesar dos maracatus terem sido espetacularizados, o valor dos cachês que lhes cabem, pagos pela prefeitura ainda é baixo, comparado aos cachês pagos à artistas de renome dentro do *showbizz* ou aos lucros obtidos com o evento (CARVALHO, 2010).

⁶ www.carnavaldorecife.com.br/downloads/Release_Programacao_Carnaval_2010.pdf (release do Carnaval Multicultural 2010 fornecido pela Prefeitura da Cidade do Recife)

A maioria das agremiações se mantém principalmente por meio de subvenção carnavalesca fornecida pela prefeitura e os cachês de apresentações realizadas principalmente no período carnavalesco, essas também contratadas pelo poder público, no entanto, a renda obtida com esses trabalhos dificilmente consegue pagar o montante gasto para “colocar o maracatu na rua”, ou seja, pagar a confecção e manutenção de fantasias, adereços, instrumentos musicais dentre outras demandas.

O INRC DOS MARACATUS-NAÇÃO

A situação precária na qual ainda se encontram a maioria dos grupos tradicionais, foi uma das justificativas para o pedido de patrimonialização dos maracatus-nação de Pernambuco. O pedido, realizado em 2007 pelo governo do estado, dialoga com as preocupações não só do IPHAN como também da UNESCO em relação à salvaguarda dos patrimônios imateriais. A partir dos anos 90, a referida instituição internacional, passou a apresentar preocupações relativas às culturas tradicionais que correriam risco de desaparecer, homogeneizar-se ou mesmo serem expropriadas devido à já mencionada globalização, isso porque o universo simbólico de tais culturas poderia ser cobiçado por um mercado cultural que cada vez mais valorizava aquilo que considerava exótico (ABREU, 2005). Sendo assim o órgão lança em 2003 a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ratificada pelo Brasil em 2006⁷. Destaca-se que o surgimento da preocupação com o patrimônio imaterial foi importante no sentido de diminuir a desigualdade existente na lista de patrimônios da humanidade reconhecidos pela UNESCO já que a maioria dos bens materiais são de origem europeia (MANTECÓN, 2010; NIVÓN, 2010). Em se pensando nos patrimônios afros, tal medida foi ainda mais relevante já que diferentemente dos patrimônios pré-hispânicos, que ainda possuem representatividade à nível material, o legado da cultura afro se trata majoritariamente de artes performáticas (CARVALHO, 2005).

⁷ <http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/conPatrimonioE.jsf?tipoInformacao=1>

A intensificação dos debates acerca desse tema surgidos dentro do cenário de espetacularização das culturas populares permite observar que o sucesso que algumas formas de expressão adquirem dentro do mercado cultural nem sempre resultam em acesso à cidadania e melhores condições de vida por parte dos grupos tradicionalmente detentores dos bens.

Por essa razão, a equipe que realizou o Inventário Nacional de Referências Culturais do Maracatu-nação (INRC), teve como objetivo fornecer subsídios para a criação de políticas de salvaguarda que não se limitassem a valorizar unicamente o maracatu-nação como forma de expressão, mas sim que gerassem benefícios também para os maracatuzeiros.

Apesar de o pedido ter sido realizado em 2007, o edital para a seleção da equipe de pesquisa ocorreu somente em 2011 (GUILLEN, 2012). A equipe selecionada, da qual eu obtive o privilégio de participar, possuía a anuência da Associação dos Maracatus-Nação de Pernambuco (AMANPE). A referida associação existe desde 2009 e foi fundada para que os maracatus nação juntos pudessem lutar pelos seus direitos e interesses em comum, bem como para que pudessem assessorar-se mutuamente em questões de cunho burocrático, como cidadania jurídica, recebimento de subvenções dentre outros assuntos. Dentre os cerca de 27⁸ maracatus existentes, apenas dois não estão filiados à associação, ainda assim, esses grupos também foram inventariados.

O trabalho de campo para o inventário consistiu de observação e registro audiovisual das atividades dos maracatus-nação no período pré e carnavalesco, tanto em suas comunidades como em eventos no centro do Recife e Olinda; após o carnaval a equipe iniciou a realização de longas entrevistas com as principais lideranças dos maracatus-nação inventariados, bem como com ativistas culturais e

⁸ Para o INRC dos maracatus-nação foram inventariados no total 27 grupos, entretanto, salienta-se que esse número pode variar de ano a ano devido à nações que surgem ou que encerram suas atividades pelos mais diversos motivos, destacando-se o da morte do principal articulador. Os grupos inventariados foram os maracatus-nação: Almirante do Forte, Aurora Africana, Axé da Lua, Cambinda Estrela, Cambinda Africano, Centro Grande Leão Coroadado, Elefante, Encanto da Alegria, Encanto do Pina, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante do Recife, Estrela Brilhante de Igarassu, Estrela Dalva, Estrela de Olinda, Gato Preto, Leão da Campina, Leão Coroadado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Porto Rico, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre e Tupinambá.

com algumas lideranças de grupos percussivos. Paralelamente às entrevistas, a equipe se reunia semanalmente para discutir o andamento da pesquisa, refletir sobre questões referentes ao trabalho de campo e preencher as fichas presentes no manual do INRC.

A realização de tal projeto obrigou a equipe a refletir cuidadosamente sobre quais grupos poderiam ser considerados maracatus-nação e nas razões para a inclusão ou exclusão. O que estava em jogo no momento seria o direito que os grupos inventariados poderiam ter ao acesso às futuras políticas de salvaguarda. É preciso lembrar que segundo o IPHAN dentre os objetivos da patrimonialização estão, além da promoção de políticas de salvaguarda, a inclusão social e melhoria de condições de vida de produtores e detentores do bem cultural⁹.

Já se mencionou neste trabalho algumas diferenças entre os maracatus-nação e grupos percussivos, destacando-se que o marco identitário mais determinante segundo os maracatuzeiros seria o fundamento religioso. Houve período onde outras características reforçavam as fronteiras identitárias porém por meio do trabalho de campo realizado para o inventário, foi possível perceber que tais fronteiras estão cada vez mais tênues.

REFLEXÕES SOBRE FRONTEIRAS IDENTITÁRIAS

Primeiramente chama-se a atenção para o baque dos maracatus-nação. O modo considerado estilizado de se tocar maracatu pelos grupos percussivos tem sido adotado pela maioria dos maracatus-nação, que introduziram convenções ao ritmo, influenciados por outras linguagens musicais como samba, afoxé e boi, além de sistematizarem baques que antigamente eram realizado de maneira mais espontânea pelos batuqueiros¹⁰. No âmbito da dança, percebe-se que cada vez mais grupos introduzem alas coreografadas em seus desfiles, quando a dança tradicional do maracatu é composta por um movimento quase constante, com

⁹ <http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/conPatrimonioE.jsf?tipoInformacao=1>

¹⁰ Para maiores informações sobre estilos e mudanças nos baques dos maracatus-nação ver: CARVALHO, Ernesto Ignácio. *Diálogo de Negros, Monólogo de Brancos: Transformações e Apropriações Musicais do Maracatu de Baque Virado*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da UFPE, 2007.

poucas variações, não prescindindo de ensaio ou coreografias prévias. Nesse sentido, observa-se que baque e dança já não compõe marcos identitários tão determinantes para diferenciar os dois tipos de grupo (KOSLINSKI, 2012).

Por fim, ao se discutir essas fronteiras, é imprescindível mencionar os vínculos comunitários. Até o início do século XXI era possível observar que a imensa maioria de pessoas que participavam dos maracatus nação pertenciam à comunidade que o sediava. No entanto, com a espetacularização sofrida pelos grupos algumas alterações são observadas nessa realidade. Primeiramente observa-se a inserção de pessoas de classe média em algumas nações como Estrela Brilhante do Recife, Estrela Brilhante de Igarassu, Porto Rico e Leão Coroado, sendo essas quatro citadas as que atualmente possuem maior visibilidade no mercado cultural (KOSLINSKI, 2013). Outro detalhe interessante é perceber que algumas nações, antes de serem maracatus considerados autênticos, eram grupos culturais que se dedicavam a outras linguagens, como o Aurora Africana, que era um balé popular e logo depois uma agremiação dedicada ao frevo, ou mesmo o Axé da Lua, grupo que dos anos 90 ao início dos 2000 se dedicava aos ritmos afro como samba reggae e afoxé. Esses dois grupos, apesar de quase não contar com pessoas provenientes da classe média em seu batuque e dança, também não contam com quantidade representativa de pessoas residentes em suas comunidades.

Além do exposto, é importante chamar a atenção para a terceirização de algumas práticas que antes eram realizadas pela própria comunidade maracatuzeira, como por exemplo a confecção de figurinos. É crescente a quantidade de grupos que contrata costureiras externas à comunidade para a realização de tal atividade, como o Oxum Mirim e o Estrela Brilhante de Igarassu. Existe também muitas vezes a contratação de desfilantes e até mesmo batuqueiros de outros grupos por parte de maracatus nação com dificuldades de angariar membros como ocorre no Nação de Luanda.

Devido a essa descrição, os pesquisadores do INRC dos maracatus, foram expostos a uma grande polêmica quando alguns grupos percussivos, reivindicaram a identidade de maracatu-nação, alegando terem realizado os rituais

para seu fundamento religioso. Os referidos grupos eram o Maracatu Nação Pernambuco, Maracatudo Camaleão e Maracambuco.

Os grupos possuem trajetórias diferentes entre si, mas compartilham de algumas semelhanças não só dentro do universo dos grupos percussivos mas também dos maracatus nação.

O Maracatudo Camaleão por exemplo, foi formado em Olinda no início dos anos 90. O grupo desde seu início ensaia no sítio histórico da cidade e mantém contato permanente com jovens e músicos de classe média no Brasil e Europa. O trocadilho “maracatudo” que compõe seu nome se refere ao fato de que o grupo, até poucos anos atrás não tocava somente maracatu, mas também outros ritmos como coco e afoxé. O trocadilho tornou-se inclusive uma marca associada ao grupo, já que alguns grupos percussivos localizados na Europa a incorporaram a seu nome, a exemplo do “Maracatudo Mafuá”. Finalmente, destaca-se que desde 2007 o grupo abandonou as performances de palco onde misturava o maracatu a outros ritmos, dedicando-se apenas ao maracatu. Em entrevista concedida para o INRC, Márcio Carvalho de Lima, fundador e principal articulador do grupo defende que o mesmo se trata de uma nação tradicional por possuir fundamentos religiosos com base na Jurema desde seu início, além de contar com a participação de pessoas do terreiro que amparou tais fundamentos. No entanto, ao observar a performance do grupo, nota-se que os figurinos utilizados são característicos dos grupos percussivos (que utilizam tecidos e *design* diferentes dos tradicionais), além de ser notória a quantidade de pessoas brancas, provavelmente estrangeiras¹¹.

Já o Maracatu Nação Maracambuco surgiu de um projeto social que ensinava percussão a jovens em situação de vulnerabilidade. O projeto se localiza em uma região periférica de Olinda, e é articulado por Marcionilo Oliveira que atua como coordenador e educador. O grupo é composto majoritariamente por adolescentes tanto no batuque como na corte e tem como característica particular

¹¹ Além de Márcio ter declarado em entrevista que o grupo conta com a participação de estrangeiros no carnaval, o grupo Maracatudo Mafuá, localizado em Londres, realiza uma viagem à Olinda no período carnavalesco, levando consigo diversos membros (informação concedida por Mariana Pinho, articuladora do Maracatudo Mafuá em conversa informal).

a utilização de instrumentos de percussão alheios aos maracatus; seus tambores se parecem aos utilizados pelos grupos de samba reggae da Bahia. Além disso, a melodia e temática de suas toadas difere muito das utilizadas pelos maracatus nação, se tratando basicamente de louvores aos orixás; as divindades também se fazem presentes nas performances de rua e palco, já que um jovem bailarino trajado a caráter encena sua dança ritual, tal como ocorre nos terreiros. O modo como o grupo foi concebido e a maneira como se dá sua gestão, faz com que ele se caracterize como um projeto de caráter educacional e não de uma nação de maracatu. Segundo Marcionilo, para seguir participando das atividades do grupo, os adolescentes precisam frequentar a escola e possuir bom desempenho, além de não faltar aos ensaios. O grupo não parece agregar à comunidade nas suas atividades locais ou performances em outros bairros.

As características do Maracatu Nação Pernambuco já foram descritas no presente trabalho. O que mudou de alguns anos para cá foi o fato de pessoas do grupo alegarem que os fundamentos religiosos haviam sido realizados transformando o grupo em nação.¹² Ainda assim, o grupo não agrega uma comunidade em seu entorno e é composto majoritariamente por jovens universitários de distintos bairros, além das já citadas diferenças na dança, figurino e modos de organização da performance.

Os casos brevemente aqui descritos trazem uma série de problemas de difícil solução. Apesar dos grupos supracitados, compartilharem com os maracatus nação algumas semelhanças eles ainda se encaixam na categoria de grupo percussivo; talvez isso ocorra por eles condensarem muitas características de grupo percussivo em seu interior, enquanto que nos maracatus nação essas características estão mais diluídas. Os maracatus Estrela Brilhante e Porto Rico por exemplo, possuem muitos membros da classe média no batuque, chegando a ponto de receber acusações de se estarem descaracterizando, porém ainda possuem sedes historicamente constituídas nas suas comunidades, gestão e organização que tradicionalmente caracterizam o *modus operandi* de uma nação,

¹² A questão do Maracatu Nação Pernambuco configurar ou não uma nação autêntica é controversa mesmo entre os membros do grupo.

engajamento da comunidade na confecção de fantasias e instrumentos bem como participação da mesma nos terreiros onde foram realizados os fundamentos religiosos. Os maracatus Axé da Lua, Aurora Africana e Oxum Mirim não parecem agregar pessoas de sua comunidade, mas agregam pessoas de outras periferias que participam ativamente em sua organização e atividades.

Mas do que buscar uma solução racional para a celeuma, é importante refletir sobre alguns desdobramentos. A equipe de pesquisa do INRC adotou como critério para a definição do que seria um maracatu-nação não só a somatória das características já discutidas (vínculos religiosos, comunitários, composição racial e sócio-cultural, estética de figurinos, modos de dançar e tocar), mas principalmente o reconhecimento mútuo entre os maracatus-nação. O Axé da Lua, Aurora Africana e Oxum Mirim são reconhecidos como autênticos pelos outros maracatus, tanto que integram a AMANPE, já o Maracatu Nação Pernambuco, Maracatudo Camaleão e Maracambuco não. Além desse critério êmico, a equipe considerou também pensar na questão referente aos recursos que esses grupos possuem. Será que um grupo composto por jovens de classe média com espaço consolidado no mercado necessita ser contemplado com políticas de salvaguarda?

Outra questão fundamental a ser pensada é qual a motivação que os referidos grupos percussivos têm para que queiram ser reconhecidos como maracatus-nação; é importante destacar que antes da visibilidade adquirida pelos maracatus-nação com o advento do modelo do Carnaval Multicultural e consequente inserção desses grupos de maneira mais ativa no mercado, os grupos percussivos não se incomodavam por não carregarem o carimbo da tradição. Tal situação demonstra o grau de competitividade existente dentro desse mercado e como as políticas públicas voltadas para a sustentabilidade das culturas populares são cobiçadas.

Por fim questiona-se o porquê do surgimento desse interesse em ser autêntico dentro de grupos percussivos de Pernambuco e não entre os grupos de

fora¹³. Primeiramente destaca-se o fato dos grupos de Pernambuco disputarem com os maracatus tradicionais espaços em um mercado dentro do mesmo território o que torna o sentimento de ameaça mais presente em ambos os lados. Em segundo lugar salienta-se que a relação que os grupos de Pernambuco e os de fora têm com as nações possuem muitas diferenças. Enquanto os grupos do mesmo estado parecem muitas vezes competir com os tradicionais, os grupos de fora inicialmente propõem parcerias com as nações, convidando mestres e batuqueiros para viajarem e ministrarem oficinas em troca de cachês muitas vezes atrativos. Por essa razão os maracatuzeiros geralmente apoiam a apropriação realizada fora de Pernambuco, pois a mesma lhes parece conveniente, enquanto que condenam a existente em seu interior.

Apesar de aparente conveniência de um intercâmbio cultural realizado pela existência dos grupos percussivos em outros estados e países, a maioria dos maracatuzeiros não parece se preocupar com algumas consequências provenientes dessa relação. Por meio da observação e entrevistas realizadas no trabalho de campo do inventário, a equipe de pesquisa percebeu que as quatro nações que até então são contempladas com convites para realizar viagens ministrando oficinas, são também aquelas com melhores recursos para organizar sua performance sendo também as que possuem maior número de contratos para apresentações, ou seja, são as que possuem maior visibilidade e espaço no mercado cultural. Tal situação faz com que as outras nações que não possuem esse privilégio, passem a enxergar essas quatro como modelos de grupos bem sucedidos, e assim começam a se inspirar em sua maneira de tocar, dançar, confeccionar fantasias e gerir o grupo, prejudicando assim a diversidade cultural existente entre os maracatus tradicionais, contribuindo para uma homogeneização da manifestação.

A questão supracitada, além de não parecer preocupar muito os maracatus-nação, também parece não preocupar os jovens dos grupos percussivos. Então, é preciso refletir acerca do que motiva os jovens a criarem seus próprios

¹³ Os grupos percussivos exteriores a Pernambuco que alguma vez reivindicaram a identidade de maracatu-nação constituem-se uma exceção.

“maracatus” e se nessa apropriação existe alguma questão de cunho ético que os preocupe. A reflexão aqui proposta constitui tarefa complexa, porém alguns estudos já realizados apontam para algumas hipóteses (ALENCAR, 2009; CARVALHO, 2007; CRUZ, 2012; ESTEVEZ, 2008; GONÇALVES, 2014).

Os pesquisadores que estudaram o tema, apontam para a importância da sociabilidade que a prática proporciona, além de ressaltarem o vínculo afetivo e identitário que os jovens criam com os maracatus-nação que muitas vezes em sua visão representam exemplos de estilos de vida baseados no coletivismo, igualdade e senso de comunidade (GONÇALVES, 2014). Tal relato aponta para uma visão romantizada das relações existentes dentro dos maracatus nação. Ao se pensar na dimensão ética da apropriação, alguns pesquisadores apontam que os jovens, mesmo em sua condição de brancos pertencentes à classe média, se tornam novos protagonistas da cultura negra, contribuindo para a diminuição do estigma e preconceito direcionado aos negros e suas práticas (ALENCAR, 2009).

No âmbito dos grupos situados no exterior, o estudo da antropóloga Danielle Maia Cruz, realizado com o grupo Maracatu New York, sugere que a motivação se encontra mais na pertença a um espaço simbólico que os conecta com seu país de origem, dentro da situação diaspórica em que se encontram os brasileiros naquela cidade, ou no caso dos participantes estadunidenses, num sentimento de amizade, sociabilidade, além do interesse pela cultura brasileira.

A romantização presente nos contextos de apropriação das culturas populares foi problema já destacado nas pesquisas do antropólogo José Jorge de Carvalho (2004, 2005, 2010). Ele aponta para a situação geralmente desfavorável para as culturas afro americanas quando submetidas ao mercado cultural ou a apropriações e hibridizações. O autor enfatiza a visão fetichista que a classe média possui sobre as culturas afro, afirmando que no presente, a cultura afro é “o significante favorito de entretenimento dos brancos como se fosse uma contrapartida ao etnocentrismo onde o exótico é compreendido como íntimo e seguro” (CARVALHO, 2004). Por fim, o autor destaca que os consumidores da cultura afro americana:

“son capaces de atribuir riqueza simbólica y estética de la cultura, pero no se sensibilizan con el estado de carencia y exclusión que están sometidos los miembros de las comunidades afroamericanas que producen este universo simbólico tan seductor” (CARVALHO, 2005, p.104)¹⁴.

Deste modo, o que se nota entre os jovens dos grupos percussivos é um romantismo e mistificação dos valores presentes nos maracatus-nação que não permite que eles se aprofundem em outras questões, prática que mesmo que não intencionalmente, contribui para a desumanização da manifestação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As recentes políticas públicas voltadas aos maracatus e outras manifestações da cultura popular, bem como o interesse que tais manifestações despertam no mercado cultural e em jovens de classe média apontam para a importancia em se investigar como se constroem essas políticas bem como o que motiva a relação.

Pensando-se nas políticas patrimoniais, García Canclini lembra que “a tentativa unificadora da patrimonialização a nível mundial da UNESCO não resolve conflitos interculturais; além disso, é preciso repensar a eficácia das noções de patrimônio tanto nacional como da humanidade dentro do atual contexto de interdependência global e circulação internacional de cultura (GARCÍA CANCLINI, 2012, p.80). Os maracatus são exemplares dessa problemática o terem sua identidade reivindicada por grupos alheios ao contexto tradicional. Afinal de contas o maracatu-nação, cuja forma de expressão já pode ser encontrada em diversos continentes do mundo, hoje é global, brasileiro, pernambucano ou cultura exclusiva das comunidades afrodescendentes do Recife? Pensar nessas questões é crucial para aqueles que se preocupam em construir políticas públicas que gerem autonomia para as comunidades maracatuzeiras.

¹⁴ “são capazes de atribuir riqueza simbólica e estética da cultura, mas não se sensibilizam com o estado de carência e exclusão a que estão submetidos os membros das comunidades afroamericanas que produzem este universo simbólico tão sedutor” (tradução minha).

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Regina. "Quando o campo é o patrimônio: notas sobre a participação dos antropólogos nas questões do patrimônio". In *Revista Sociedade e Cultura* 2 (8), Departamento de Ciências Sociais, FCHF/UFG, Goiânia, pp. 37-52, 2005.

ALENCAR, Alexandra Eliza Vieira. *Dançando Novas Africanidades: diálogos com praticantes do maracatu e dança afro em Florianópolis- SC*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFSC, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As Consequências Humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

CARVALHO, Ernesto Ignácio. *Diálogo de Negros, Monólogo de Brancos: Transformações e Apropriações Musicais do Maracatu de Baque Virado*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da UFPE, 2007.

CARVALHO, José Jorge de. *Metamorfoses das Tradições Performáticas Afro-brasileiras: De Patrimônio Cultural a Indústria de Entretenimento*. Brasília: UNB, série Antropologia, 2004.

_____. Las Culturas Afroamericanas en Iberoamérica: lo negociable y lo innegociable. In García Caclini, Néstor (coordinador académico). *Culturas de Iberoamérica: diagnósticos y propuestas para su desarrollo*. Madrid: OEI, Santillana, 2005 (2ª edición).

_____. *Espetacularização e Canibalização das Culturas Populares na América Latina*. Recife. Revista Antropológicas/ Programa de Pós Graduação em Antropologia/UFPE. Ano 14, v.21 (1): Edições Bagaço/Editora da UFPE, 2010.

CRUZ, Daniele Maia. Maracatu New York: Transregional Flows between Pernambuco , New York and New Orleans. In: *Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies*, vol 37, #34, 2012

DESCHÊNES, Bruno. The interest of westerns in non-western music. In; *The World of Music*, Journal of the Department of Ethnomusicology, Otto-Friedrich University of Bamberg, Vol 47 (3), 2005.

ESTEVEZ, Leonardo Leal. "*Viradas e Marcações*": *A participação de pessoas de classe média nos grupos de maracatu de baque-virado do Recife-PE*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da UFPE, 2008.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas Populares no Capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

_____. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. *A Sociedade Sem Relato*. São Paulo: EDUSP, 2012.

GONÇALVES, Daniela. *Batuqueiro segura esse baque, na batida do coração. Ressignificação do Maracatu de Baque Virado: 10 anos do grupo Quiloa*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da USP, 2014.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. 2012. Inventariando experiências entre os maracatus nação em Pernambuco. In *Anais Eletrônico da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia* (RBA) (http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_28_RBA/index.html); acessado em 08/10/2015)

GUILLEN, Isabel Cristina Martins & LIMA, Ivaldo Marciano de França. Os Maracatus-Nação do Recife e a Espetacularização da Cultura Popular (1960-1990). In: *Cultura Afro-Descendente no Recife: Maracatus Valentes e Catimbós*. Recife: Edições Bagaço, 2007.

KOSLINSKI, Anna Beatriz Zanine. Maracatus Nação e Mercado Cultural: uma relação assimétrica. *Relatório de Pesquisa do Inventário Nacional de Referências Culturais do Maracatu Nação*. Recife, IPHAN/FUNDARPE, 2013. MIMEO

KOSLINSKI, Anna Beatriz Zanine. 2012. Estratégias e Resignificações na Espetacularização dos Maracatus Nação Pernambucanos. In: *Anais Eletrônico da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia* (RBA). (http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_28_RBA/index.html); acessado em 08/10/2015).

LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus e Maracatuzeiros: Desconstruindo Certezas, Batendo Afayas e Fazendo Histórias. Recife, 1930-1945*. Recife: Edições Bagaço, 2008.

_____. *Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000)*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da UFF, 2010. (Anexos)

MANTECÓN, Ana Rosas. 2010. El giro hacia el turismo cultural: participación comunitaria y desarrollo sustentable. In: NIVÓN, Eduardo & MANTECÓN, Ana Rosas. *Gestionar el patrimonio en tiempos de globalización*. Ciudad del México: Universidad Autónoma Metropolitana: Juan Pablos Editor.

MOTTA, Roberto. *Religiões Afro-Recifenses, Ensaio de Classificação* in Revista Antropológicas, ano II, v.2, série religiões populares, Recife, Ed. UFPE, 1997, PP.11-34.

NIVÓN, Eduardo. 2010. Del patrimonio como producto. La interpretación del patrimonio como espacio de intervención cultural. In: NIVÓN, Eduardo & MANTECÓN, Ana Rosas. *Gestionar el patrimonio en tiempos de globalización*. Ciudad de México: Universidad Autónoma Metropolitana; Juan Pablos Editor.

ORTIZ, RENATO. 1998. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense.

REAL, Katarina. *O Folclore no Carnaval do Recife*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Ed. Massangana, 1990, 2ª Edição (1966).

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

UNESCO. 2003. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Paris: UNESCO.
(<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>.
Acessado em 30/09/2015; acessado em 28/09/2015).

Sítios consultados:

<http://www.carnavaldorecife.com.br/release>

www.iphan.gov.br